



XI Congresso Português de Sociologia  
*Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e populismos num mundo efervescente*  
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

**Secção/Área temática / Thematic Section/Area:  
Teorias e metodologias | Questões conceituais e metodológicas  
Theory and method | Conceptual and methodological questions**

**O valor do projecto científico das ciências sociais - Questionar a esperança na ciência e na escola Social sciences' scientific project value – questioning the hope on Science and school**

**Dores, António Pedro; ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, apad@iscte-iul.pt**

**Resumo**

Ciência e educação são grandes sucessos do século XX. Porém não correspondem ao que se espera delas. O que está a mudar na ciência e na escola que autoriza uma nova esperança em melhores resultados? Como, a) os eventos extremos previsíveis apanharam o mundo de surpresa ?; b) a geração mais bem educada de sempre está ansiosa para voltar ao normal, em vez de se mobilizar para melhorar a maneira como se vive ?; c) as políticas científicas não fornecem uma compreensão de substratos universais, como o são os fenómenos ambientais, pandémicos, capitalistas ou racistas? d) a contribuição das ciências sociais para mudar o modo de viver não está disponível e não é prioridade?

**Abstract**

Science and education are great successes of the 20th century. However, they do not correspond to what is expected of them. What is changing in science and in school that empowers new hope for better results? How, a) predictable extreme events take the world by surprise?; b) the best educated generation ever eager to get back to normal, instead of mobilizing to improve the way one live?; c) scientific policies do not provide an understanding of universal substrates, such as environmental, pandemic, capitalist or racist phenomena? d) the contribution of social sciences to change the way of life is not available and is not a priority?

Palavras-chave: ciência, ciências sociais, sabedoria, desastres  
Keywords: science, social sciences, wisdom, disaster



Actualmente, muitas das críticas mais pertinentes ao status quo terminam com a esperança platónica de a tecnociência e a escolarização resolverem os problemas (Harari, 2016; Mouzelis, 1995). No caso da pandemia, a generalidade dos governos, com excepção dos de Trump, de Bolsonaro, e dos políticos que fazem campanha contra a ciência e a favor da religião, alegaram (falsamente) estar a seguir recomendações dos cientistas, dos epidemiólogos (Devlin & Boseley, 2020).

No mundo actual, cada função está profissionalmente atribuída de modo estanque às pessoas investidas de competências próprias e estanques entre si (Peake, 1991). Os cientistas fazem ciência e não fazem política. Os políticos não fazem ciência e fazem política (Weber, 2012a, 2012b). Portanto, a menos de uma alteração (eventualmente desejável) do status quo, as responsabilidades políticas são dos políticos, guiem-se ou não pelos pareceres dos cientistas.

Os políticos de todo o mundo, com as excepções citadas, afirmaram (falsamente) seguir as recomendações dos cientistas. Sabemos isso pois a Suécia, cuja lei prevê que sejam instâncias científicas a conduzir as lutas contra as pandemias, sem intervenção partidária, desenvolveu uma estratégia muito diferente dos outros países (Our mission, n.d.; Paterlini, 2020). Segundo a apreciação da comunicação social, a Suécia apresenta piores resultados do que os dos países em que foram os políticos a conduzir as operações (Wheeldon, 2020).

Quando se conhecer o fim da pandemia se fará melhor o balanço das acções positivas e negativas desenvolvidas pelos estados. O que podemos desde já dizer é que as estratégias e políticas preventivas dos problemas que enfrentamos, como as propostas pela ONU, não estão a ser seguidas pelos estados (ICC-WHO, 2020). A inquietação das pessoas perante a recorrência dos problemas já conhecidos e perante os quais se tornam vítimas agudiza as lutas pelo poder e pela sobrevivência. A violência, transformada em tabu da modernidade com a política do estado monopolista da violência (Hirschman, 1977; Joas, 2003), está a revelar-se uma dimensão inelutável da vida quotidiana, não apenas para as populações marginalizadas, mas também para cada vez mais camadas da população que, anteriormente, se sentiam protegidas. Novas alianças sociais e políticas estão a ser forjadas (Goodman, 2020).

Os cientistas sociais não estão dentro daqueles grupos de actividade que estão a ser mobilizados para cuidar de encontrar saídas para a situação. A violência, para já, é tratada como caso de polícia. Porém, as massas dão sinais de inquietação e de procurar novas formas de relação com os poderes de estado. Para procurar soluções para

problemas estruturais, cada vez mais pessoas prefere abordagens holistas das situações, como a religião ou o nacionalismo (Featherstone, 2009). A divisão estanque de trabalho profissional e a racionalidade alegadamente científica que a acompanha não estão a dar resposta.

A redução da ciência e da racionalidade ao serviço da divisão de trabalho entre profissões mutuamente estanques, que começa por ser ensinada nas escolas às crianças e jovens, tem-se revelado incapaz de prover as respostas políticas e sociais adequadas a enfrentar os problemas (Ifpte21, 2020).

### **Ciências sociais transformadas e transformadoras**

Caso os problemas graves e globais continuem a ocorrer a este ritmo e a agitação social continue a acompanhá-los, as ciências sociais verão abrir-se na sua frente uma nova oportunidade para ajudar a humanidade a compreender-se a si mesma, em tempo de mudanças estruturais globais (Harari, 2016; Marcuse, 1991).

Embora as ciências sociais não estejam em condições diferentes das outras ciências e dos outros trabalhadores relativamente à hiperespecialização estanque do trabalho e dos conhecimentos (Lahire, 2012), elas serão chamadas a dar a sua contribuição reflexiva. O sucesso das ciências sociais dependerá da reflexão que até lá possa vir a fazer sobre como ultrapassar a sua própria divisão interna, ajudando outras áreas de actividade a encontrar novos caminhos de organização e sociabilidade (Latour, 2007).

A ciência, como mostrou o caso da pandemia, não está preparada para ajudar nestas circunstâncias. Não ajuda também nos casos do aquecimento e das finanças globais ou no racismo. Quem tem o poder de gerir as tecnologias globais, à margem da democracia, em cumplicidade com as políticas estatais, dá toda a atenção ao crescimento da riqueza (Latour, 1992). Ao mesmo tempo, o acesso a recursos mínimos de sobrevivência é negado às populações dependentes (*Hungry in a world of plenty: millions on the brink of famine*, n.d.) e a prioridade às guerras é evidente (Max & Nagdy, 2013).

Ainda que a ciência seja um dos mais importantes repositórios de conhecimento humano, a par do direito, das humanidades, dos saberes tradicionais de cuidar, a sua estanquicidade actual, produzida para fins de exploração da Terra e dos seus recursos, é redutora das potencialidades dos conhecimentos (Lahire, 2012: 125; Therborn, 2006:

3). As ciências sociais, perdidas entre as humanidades e as ciências, encontram-se na situação embaraçosa de hiperdivisão entre disciplinas e subdisciplinas incomunicantes. A perspectiva de transformações sociais em curso, com vista à adaptação inelutável às novas circunstâncias na Terra, abre a oportunidade para a reanimação do espírito científico que inspira as ciências sociais em continuar o seu caminho até se tornarem tão científicas quanto as ciências. Para que as ciências sociais deixem de considerar ser impossível atingir o estatuto cognitivo das ciências duras, podem surfar a onda de transformações sociais já em curso e transformar-se, nomeadamente estabelecendo entre as disciplinas e as subdisciplinas relações de mútua abertura e colaboração (Bateson, 1987; Clark, 2007; Scheidel, 2017). Abertura e colaboração interna concretizável se for acompanhada por abertura e colaboração externa com as ciências duras e os conhecimentos de prestação de cuidados mútuos familiares e vicinais. Nesse processo, há que contar com a força das transformações sociais que se anunciam (Fara, 2009).

Quando as ciências sociais fizerem menção de inverter o sentido actual da sua especialização para passarem a colaborar entre si, então haverá condições para começar a transformar a ciência e a educação, a par de outras mudanças em curso. Há que revalorizar os conhecimentos disponíveis, ensinando que a ciência é a arte de fazer perguntas e não a lista de respostas pré-fabricadas.

As perguntas que aqui deixamos são: o que podem as ciências sociais contribuir para ajudar a criar uma sociedade preventiva de desastres? Como pode organizar-se para participar na transformação geral das sociedades? Quais serão as condições sociais propiciadoras de tal transformação? Com que aliados podem as ciências sociais contar?

### **A pandemia**

A pandemia suspendeu a atenção global perante as preocupações ecológicas apresentadas por Greta Thunberg (McDuff, 2019; McGrath, 2019). O movimento Black Lives Matter relativizou as preocupações com a pandemia (Kim, 2020). Na Europa, está prevista uma época de fogos particularmente agressiva, este ano. A extrema-direita internacional luta para confirmar a sorte eleitoral, reverter a globalização e reprimir pela força toda a oposição à continuação da supremacia ocidental. A insustentabilidade do sistema financeiro continua a agravar-se.

Um mundo com ciências sociais profissionalizadas, com mais publicações e estudos de risco do que antes, é sistematicamente apanhado de surpresa por aquilo que a ciência já previu – os efeitos do aquecimento global, as pandemias globais – e por aquilo que é secundarizado pela própria teoria social – o espírito imperial e as suas consequências, como o racismo e as práticas policiais abusivas.

As previsões científicas existem. Mas para serem tomadas em consideração pelos estados, empresas e pessoas é preciso mais. Desde os anos sessenta, os cientistas sabem haver um alto risco de aquecimento global (History.com, 2017) e os estados, intencionalmente, alhearam-se desse conhecimento (Weart, 2020). Permitiram e colaboraram no encobrimento e relativização desse conhecimento para manter intocado o crescimento económico das maiores empresas.

A profissionalização dos cientistas permitiu os avanços da tecnologia e transformou a ciência num departamento de assessoria dos estados (Coser, 1956: 27; Lacey, 2012). O poder dos estados é usado para escolher entre reagir ao aquecimento global ou manter o status quo. O agravamento das desigualdades e o aumento das morbidades e calamidades são minimizados, para proteger a liberdade empresarial de explorar a Terra. Um movimento mundial de jovens denuncia a irresponsabilidade dos estados (Beslik, 2019).

Quando se soube da notícia da pandemia COVID-19, imaginou-se ser um problema chinês. Os riscos previsíveis foram anunciados por Bill Gates (2015), anos antes. Quando ocorreu um foco infeccioso que fez colapsar os serviços de saúde, no norte de Itália, os estados ocidentais entraram em estado de alarme, mas apenas na Europa. Do lado da América, continuava a parecer um problema alheio.

Perante os evidentes e persistentes riscos de colapso do sistema político-económico, a transição em curso da sede do poder imperial de Washington D.C. para Pequim (Morris, 2010), e a tática costumeira de navegar à vista, uma parte dos eleitores, assustada com a perspectiva de estar a viajar num avião sem equipe de pilotagem, vota em quem promete manter o status quo à força.

Na verdade, as maiores protecções e ajudas continuam a ser dirigidas aos investidores, que continuam a ver crescer o seu património e os seus rendimentos mesmo em tempo de calamidade sanitária e ecológica. Como dizem os especialistas, as desigualdades aumentaram aceleradamente nos últimos meses (The Economist, 2020).

O que se deve fazer? Devemos nós, aqueles que nos reunimos para pensar o que está a acontecer, manter a perspectiva de business as usual? Fazer um artigo onde se reúnem dados rigorosos sobre aspectos do que se está a passar, tendo em conta vários pontos de vista e várias dimensões da vida social, comparando os dados entre países, regiões, continentes? Para que servirá esse exercício? Para contribuir para que outros – por exemplo, aqueles que fazem revisões bibliográficas – comparem esse conhecimento com outros e extraíam disso aquilo que possa interessar a quem precisa de tomar decisões? Para informar quem de direito do que sabemos sobre a realidade?

As ciências naturais, com outros investimentos e outra tradição, conseguem fazer previsões holistas sobre riscos de transformação, como no clima ou na elevação dos níveis do mar ou na saúde pública ou nas práticas de manutenção das florestas. Muitas dessas previsões revelam-se acertadas e, também, ignoradas pelo poder político. Aquilo que o poder político designa por ciência é a parte da ciência que lhe é favorável (Weart, 2020).

Será possível e desejável os cientistas encontrarem forma de abrir espaço e tempo para pensarem a ciência, como um todo? Como o esboçaram fundadores das ciências sociais, entre os mais conhecidos Comte e Parsons? Será possível estabelecer canais de comunicação com as pessoas de modo a evitar a manipulação política do conhecimento científico? Não o sendo, como é o caso actualmente, será possível aproveitar a actual instabilidade para reposicionar a ciência?

## **A inovação**

Houve épocas históricas em que se acreditou que seria a razão, a vontade consensualizada das pessoas, aquilo que orientaria, para sempre, a acção das instituições e das organizações. No século XIX, foram os consensos entre empresários que lideraram a acção dos estados. Na primeira parte do século XX, a promessa de paz por via do favorecimento dos interesses comerciais não se cumpriu (Habermas, 1987): a Europa viveu a guerra de tal modo violenta que se pensou que nunca mais se poderia voltar a repetir. Paradoxalmente, para alguns, terá sido a corrida aos armamentos aquilo que permitiu evitar nova guerra mundial. A razão de estado, alegam, continua a servir os interesses vitais da humanidade.

Depois da Guerra Fria, o optimismo racionalista irrealista tornou-se exuberante, com a globalização auto-regulada. Os movimentos sociais resfriaram esse optimismo.

Resistiram (DW.DE, 2019). Mas os direitos humanos foram usados como pretextos de intervenções bélicas, a começar na Somália, e movimentos pacifistas tratados como terroristas (The Editors, n.d.). A mentira na política tornou-se estratégia global, em 2003, para justificar a guerra de civilizações.

Há duas formas de tentar compreender o que se passa: a) exercitando as competências profissionais de cada um, deixando para os políticos profissionais a responsabilidade de tirar dos diferentes relatórios de especialistas disponíveis as melhores opções; b) tirando proveito das competências cognitivas que a experiência profissional tenha produzido em cada um, tentar compreender de forma holista o que se passa e o que é preciso fazer.

Cada época histórica tem a teoria que merece

O fenómeno TINA cristalizou-se em torno da economia e das finanças. Os mais recentes movimentos ecologistas, de defesa da saúde das populações, anti-racistas, caracterizam-se por serem holistas, em vez de serem profissionais, especialistas. Para reduzir os riscos ambientais, melhorar a saúde das pessoas, nos lares de idosos e no trabalho, para inibir abusos de poder recorrentes e impunes, não basta uma intervenção do FED ou do Banco Central Europeu ou uma ordem executiva ou um decreto do governo. Há que conseguir o paradoxo de concertar acções institucionais e populares na mesma direcção, anulando e transformando as vontades e desejos das elites e das pessoas que estão confortáveis numa situação que é extremamente incómoda para quem se mobiliza nas ruas (Lachmann, 2018).

A inter e transdisciplinaridade é insuficiente para que as ciências sociais se adaptem aos novos tempos que começam agora. As ciências sociais que prescindiram de continuar o seu caminho até serem ciências, até serem capazes de dialogar com as ciências duras, de igual para igual, confortáveis algures entre as humanidades e as ciências, realizaram isso separando disciplinas e subdisciplinas entre si. Especializadas em tornar-se estanques a outros conhecimentos, habituadas a produzir segredos profissionais em vez de ofertas de diálogo para fins cognitivos, estas ciências sociais de pouco servem aos movimentos sociais que procuram precisamente o inverso do que as ciências sociais actuais oferecem (AAVV, 2020a): a) precisam de compreender melhor a ciência, seja ela ambiental ou epidemiológica ou emocional; b) precisam de entender o sentido geral da acção paradoxal que conjuga meio ambiente, humanidade e

organização social, em vez de imaginar um poder divino da razão, face ao qual a natureza se vergaria.

### **A quem nos devemos dirigir?**

Onde devemos começar, para perceber melhor o que está a acontecer? Na falência do sistema financeiro global, em 2008? Na renovação do apelo às Cruzadas, em resposta ao ataque terrorista do 11 de Setembro de 2001? Na euforia da vitória na Guerra Fria, por capitulação do adversário, em 1989? Na vitória dos movimentos pelos Direitos Civis nos EUA, com todos os assassinatos e as perseguições políticas de retaliação associados? Na decisão de pôr em marcha o plano Marshall?

Qualquer das decisões seria boa, caso houvesse público com quem dialogar. Infelizmente, a geração mais bem formada de sempre não tem memória das grandes viragens históricas. A sua maior ambição é viver simplesmente o dia a dia de forma profissional. Dar o contributo requerido à sociedade e receber, como compensação, o reconhecimento em rendimentos que permitam viver uma vida segura e tranquila. É o que mostra o European Social Survey (2016), quando em todos os estados inquiridos a confiança na polícia vem em primeiro lugar e em terreno positivo, e a confiança nos partidos políticos aparece em terreno negativo.

O diálogo erudito é, actualmente, sobretudo uma discussão sobre o que seja a essência das sociedades modernas. Para os economistas, o mais importante é a crise financeira. Para os estrategas, será o choque de civilizações. Para os sociólogos, será a globalização das desigualdades. Para os especialistas em ciências da raça, serão o abolicionismo, a segregação, o regime Jim Crow, a vitória do reconhecimento formal de direitos cívicos, o encarceramento em massa, aquilo que marca o tempo. Para os políticos ocidentais, o que é relevante será a aliança atlântica e a sua fragilidade.

Perante o aquecimento global, a pandemia, a intensificação das reacções populares ao esgotamento do império ocidental, derrotado pela sua própria estratégia de globalização capitalista, os especialistas pouco ou nada têm para dizer que possa ser útil. O que está em causa é precisamente aquilo que a intensificação da modernidade a nível global impede que se veja. Não é nenhuma essência, moral ou económica, que pode mudar o mundo. O que muda no mundo é o seu todo (Atkins, 1999; Laudato Sí, 2015; Grue, 2019; Schofield, 2018).

As respostas necessárias à situação actual não são técnicas e especializadas, financeiras, epidemiológicas, partidárias. As respostas de que precisamos são holistas e paradoxais, capazes ao mesmo tempo de apaziguar os riscos ambientais e pandémicos e trazer liberdade tranquila à vida quotidiana, sem sacrifícios.

Não precisamos de demagogia, como a do ex-presidente Sarkozy que respondeu à crise de 2008 dizendo que haveria de se refundar o capitalismo, antecipando o lançamento do manifesto liberal do *The Economist*, na comemoração dos seus 175 anos de publicação (Scholz, 2018). Ainda que haja conspiradores profissionais, a história não é conduzida por conspiradores. Embora frequentemente a história dos vencedores os convençam serem predestinados e muitos historiadores profissionais reproduzam esses autoelogios narcísicos.

O actual presidente francês, Macron, também conhecido por pequeno Napoleão, enfrenta o movimento dos *Gilets Jaunes*, coletes amarelos, em permanência, desde outubro de 2018 (Balu, 2019). O político profissional isolado no seu palácio, com os seus ministros e a sua comunicação social especializada, contra os que compreenderam que não haverá sossego nas suas vidas enquanto estiverem arredados do acesso à comunicação social e ao respeito dos poderosos. Em 2017, a alternativa presidencial a Macron, em França, foi a Frente Nacional e a senhora Le Pen, a extrema direita racista e nacionalista. Em 2020, o efeito dos *Gilets Jaunes* nas eleições locais elevou ecologistas à vitória eleitoral, a par de uma abstenção histórica. Paradoxalmente, a esperança manifesta-se ao mesmo tempo que a desesperança.

A crise de 2008 revelou, na Europa, a fragilidade das alianças políticas entre socialistas e democratas cristãos que a governam desde o fim da II Grande Guerra. A solidariedade europeia foi desmantelada pela resposta nacionalista alemã à crise do subprime, usando como bode expiatório a Grécia (Varoufakis, 2017). Cada vez mais pessoas deixam de se sentir representadas nos partidos políticos, embora se venham a organizar cada vez mais para participar na política.

O ano de 2019 mostrou a incapacidade da humanidade, tal como está organizada, para dar conta dos problemas que enfrentamos. Os fogos na Amazônia e na Austrália, as revoltas populares por todo o mundo, Hong Kong, Índia, Chile, Bolívia, Equador, Colômbia, Espanha, França, República Tcheca, Rússia, Malta, Argélia, Iraque, Irão, Líbano, Sudão, e outros lugares, com os mais variados pretextos, mostram uma inquietude generalizada. Não se compara com outras épocas históricas. Porém, a

comunicação social reduz tudo a perturbações da ordem pública mais ou menos espectaculares e persistentes, para logo banalizar e se desinteressar dos problemas que geram a agitação social (Dores, 2013).

Dificilmente qualquer destes movimentos dispõe de intelectuais orgânicos, pessoas capazes de expressar o significado existencial das práticas inovadoras e de ajudar à tomada de consciência e discussão daquilo de que se pode tirar proveito. A educação e as ciências profissionalizantes separam os saberes práticos dos saberes criativos, o conhecimento da sabedoria, a democracia da liberdade. A liberdade de expressão é, assim, letra morta para os manifestantes: vozes de burro que não chegam ao céu (AAVV, 2020b). São compreendidos pelas sociedades como marginais a reclamar serem integrados pelos estados no jogo que dá acesso aos recursos de sobrevivência.

Se persistem em se organizar e em manifestar-se é porque, apesar de não saberem expressar de forma construtiva o que querem fazer das suas vidas, por falta de recursos para o fazer, sentem profundamente a impossibilidade de continuar a viver como antes. Não reivindicam a satisfação de interesses profissionais. Querem viver de outra maneira. Não querem um lugar mais confortável na distribuição dos rendimentos. Querem outra coisa que não sabem dizer o que seja e que as elites, através das escolas e das ciências, estão organizadas para impedir que sejam capazes de pensar nisso.

## **Racismo**

Desde Seattle, 1999, as cimeiras das organizações internacionais começaram a ser sistematicamente denunciadas por manifestantes (Abedi, 2017); o Fórum Económico Mundial começou a ser denunciado pelo Fórum Social Mundial, a partir de 2001 (AAVV, 2018); a comunicação social desvaloriza como tumultos sem sentido útil estas iniciativas políticas. A oposição ao status quo foi organizando paulatinamente formas de organização horizontal e interseccional de pensamento e acção globais. Em 2005, em Paris, e em 2011, em Londres, houve um recrudescimento dos motins habituais e rotineiros nos arredores daquelas cidades, que atingiram proporções espectaculares e se espalharam por várias outras cidades. Nesse mesmo ano de 2011, a repressão marroquina no Sahara Ocidental, país que continua sob ocupação ilegal e colonial, deu a conhecer a capacidade de organização dos grupos anti-coloniais. Na Tunísia ocorreu uma réplica desse protesto, protagonizada por jovens com certificados escolares sem oportunidades de emprego, como Bouazizi, que se imolou para denunciar a repressão

policial contra os vendedores ambulantes e espoletou a série de revoltas em vários países. Começou assim a Primavera Árabe. Não conseguiu transformar a situação política no Norte de África, nem no mundo. Os Indignados, na Europa, e o Occupy Wall Street, nos EUA, seguiram-lhes o exemplo, mas com os mesmos resultados práticos.

A desconfiança política dos protestos nos potenciais líderes, decorrente do fracasso da oposição do socialismo real ao imperialismo, é o principal problema de organização, momentânea e pontualmente superado pela utilização dos novos meios electrónicos de comunicação. Os Zapatistas (desde 1994) e a organização político-militar de mulheres curdas "Yekityia Star" (desde 2005) são raros exemplos de manutenção de alguma estabilidade em formas de acção conjunta em situação de oposição em relação aos estados. Juntaram-se aos povos primeiros que, por toda a América, vão mantendo formas de convivalidade atacadas por seculares intenções genocidas por parte dos estados modernizadores.

Os estados nacionais não se contrapõem à globalização. Ao invés, durante a era da globalização os estados nacionais não têm parado de aumentar a sua influência (Farazmand, 1999) e poder, nomeadamente militar, policial e de segurança privada (Mediacenter, 2020). Nunca perderam a sua centralidade nos jogos de poder e, ao mesmo tempo, cada vez são mais sensíveis aos interesses das maiores multinacionais em quem, ideologicamente, os estados têm vindo a devolver a responsabilidade de guiar os sistemas produtivos e de distribuição de serviços e mercadorias, como era no século XIX.

Em 2019, alguns dos tumultos acima citados obrigaram os estados a quem dirigiram as suas reivindicações a considerar a sua existência. Noutros casos os estados e a comunicação social fingem que não conhecem a sua presença e as suas vozes.

Em 2020, repetem-se nos EUA tumultos, como em 2014, contra o racismo institucional que faz dos afro-americanos alvos preferenciais dos assassinatos cometidos pelas polícias. Talvez não por acaso, a polícia norte-americana foi criada no mesmo ano em que ocorreu a proibição da escravatura naquele país. Este ano, porém, a dinâmica dos protestos foi significativamente mais forte – todas as cidades capitais protestaram, e muitas cidades europeias reconheceram o mesmo problema. As consequências da pandemia, com impacto desproporcional nas pessoas e comunidades discriminadas, tanto em termos de saúde como em termos de rendimentos, e a

perspectiva de eleições presidenciais nos EUA, em que se joga a intenção explícita de manter e agravar as políticas discriminatórias, por parte de Trump, e o negacionismo das intenções, por parte de Biden, ajudam a compreender a inescapável evidência das injustiças e a necessidade de muitas pessoas de arriscar os seus corpos e as suas vidas na esperança de poder ser possível viver de outra maneira.

Os ataques à estatutária urbana apologista do colonialismo revelam o esclarecimento dos movimentos que de ambos os lados do Atlântico elevam o conceito de anti-racismo ao nível histórico, resgatando-o dos seus limites psicológicos. O racismo não é um defeito de carácter de pessoas racistas: é uma característica histórica das nossas sociedades, que há que superar politicamente. Anuncia-se, assim, uma luta anti-imperialista interrompida por meio século, desde a independência nacional dos territórios colonizados pelos países europeus. Agora em tempos de globalização, quando a sede do império está em fase de transição conflitual entre Washington D.C. e Pequim, quando o controlo electrónico da vida das pessoas é crítico, como os mostram a situação de Manning, Assange e Snowden, quando o sistema de crédito social chinês, a pretexto da pandemia, serve de modelo de intervenção dos estados ocidentais para controlar as populações, fazem-se ouvir de novo os protestos contra a continuação da escravatura por outros meios.

## **Conclusão**

A sucessão de eventos extremos que se sobrepõem e nos roubam a atenção, de um lado para o outro, não são independentes entre si. Todos decorrem do mesmo ambiente que foi criado pela humanidade e que não deveria surpreender-nos, se tivéssemos uma relação sábia com as ciências. Embora isso nos seja difícil de acreditar, há muito em comum entre estes eventos tão diferentes entre si: a humanidade que os observa é a mesma; e a humanidade está em transformação.

As escolas e as universidades preparam profissionais para a vida activa, mais ou menos qualificados com qualificações mais ou menos valorizadas em sociedade. Com a pandemia, ficou clara a desvalorização social do papel dos profissionais de saúde. As lutas sindicais e profissionais foram substituídas por sacrifícios altruístas destes profissionais, os mais atingidos pela pandemia porque concentraram em si a responsabilidade de cuidar dos casos mais graves. A evidência do sacrifício a que os profissionais de saúde estiveram e continuam sujeitos, em pandemia e fora dela, valeu

várias manifestações públicas espontâneas de respeito e agradecimento. Tais manifestações de profundo significado cultural e social foram acompanhadas em palavras, pelos responsáveis políticos, sem actos condizentes. A valorização política, em termos de rendimento disponível, continua reservada para os servidores mais directos das elites, para os que garantem o retorno maximizado dos investimentos com os lucros, e indisponíveis para quem cuida das pessoas e das sociedades.

Podem as ciências sociais, as escolas e as ciências esperar ver valorizada a sua situação, em termos de investimentos e de condições de trabalho mais propícias, na sequele da pandemia? Se a medicina, cujos resultados práticos são agora ainda mais evidentes para as pessoas, não deve esperar grandes melhorias da sua situação, qual será realisticamente a esperança das ciências sociais, das escolas e das ciências, internamente divididas e em mútua contradição competitiva, beneficiarem de melhores condições de trabalho? Serão as ciências sociais autorizadas a retomar o caminho que as distancia da filosofia social e as tornará, eventualmente, merecedoras de um lugar no panteão das ciências à disposição da construção de uma sociedade preventiva, cuidadora?

A evolução das ciências sociais e das ciências dependerá, evidentemente, das políticas educativas e científicas que venham a ser postas em prática, no próximo futuro. As ciências e as políticas que têm sido praticadas, desde os anos 30 do século XX, são redutoras da utilização dos conhecimentos disponíveis para cuidar da saúde e do bem-estar das populações. A desorientação na condução da acção sob a pandemia não é apenas um resultado das práticas suscitadas pelas correntes políticas que odeiam a ciência. É o próprio conhecimento que tem estado controlado para servir o projecto secular das elites ocidentais de exploração da Terra, incluindo os seus recursos humanos. A prevenção do aquecimento global, como a das pandemias ou dos fogos ou dos degelos, não é organizada por não servir imediatamente o crescimento económico, o aumento global da riqueza.

Uma análise social nacional sobre as consequências da pandemia ilude dois aspectos decisivos da análise social: o carácter global da pandemia e dos processos de transformação social em curso; a pandemia como consequência global das práticas sociais induzidas por um sistema de organização moderno.

A pandemia resultou de uma transmissão para os humanos globalizados de um vírus particularmente inofensivo, mas, ao mesmo tempo, transportado rapidamente para todo

o mundo. Caso a vida humana estivesse organizada de outro modo, caso a vida humana não estivesse a ser sujeita a fortes tendências monoculturais, na agricultura, no entretenimento, nos canais de comunicação, na ciência, no desporto, na alimentação, na organização metropolitana, nos transportes, sobretudo aéreos, etc., sem a cultura internacional própria da globalização, seguramente o impacto da pandemia seria outro. Do mesmo modo que um tremor de terra ou um tsunami têm consequências muito diferentes consoante o modo de construção da vida humana em cada local atingido e o acesso a boa informação, uma pandemia terá efeitos muito distintos consoante o tipo de sociedade que encontrar.

A luta internacional e imperial para saber qual será o ranking dos países no que toca às consequências da pandemia revela o nacionalismo de que nem os países mais favoráveis à globalização prescindem. Revela também que são as políticas nacionalistas, e não a ciência (internacionalista por definição), o que conduz a acção das pessoas. Isso pode muito bem observar-se estudando as relações entre a Organização Mundial da Saúde, os diferentes estados e as garantias de retorno dos investimentos feitos pelas farmacêuticas. A guerra comercial entre os EUA e a China, a guerra para saber qual das superpotências se sairá melhor da pandemia, está bem visível. A alegada unidade humana contra a natureza, na guerra contra o vírus, é afinal o continuar da competição nacional e imperialista de que se teme um desastre de dimensões apocalípticas, que já pode estar em curso.

A pandemia, ou outro evento extremo qualquer, será sempre um motivo de unidade instintiva das pessoas. O uso dessa unidade para dividir e reinar, para continuar a exploração e saque, é uma velha estratégia imperial, em modernidade posta em prática por estados poderosos.

As pessoas, assustadas, esperam que os estados se comportem como seus defensores e protectores. Não pedem responsabilidades, nem ao estado, nem à ciência, nem aos profissionais, pela falta de previsão daquilo que já se sabia que haveria de acontecer.

Vivemos décadas a apoiar estados saídos da Guerra Fria a reorganizar os cenários de guerra susceptíveis de, ao mesmo tempo, criar mais oportunidades de exploração da Terra – como a extracção de matérias-primas – e de submissão de pessoas – em especial através da construção de metrópoles que concentram pessoas, actividades económicas e poluição. A ciência que serve estes propósitos recusou seguir as recomendações holistas, como as de Comte ou Humboldt, consideradas ultrapassadas, e elegeu o moralismo ideológico estéril, baseado na oposição de Hobbes e Rousseau sobre o que

seja a essência humana. Em vez de uma aldeia global o que a sociedade da informação nos trouxe foi a escolha entre optimismos panglossianos, de inspiração platónica ou insular, como a de Thomas More, e pessimismo distópico, dantesco ou orwelliano, actualizado por Yuval Noah Harari.

Não há, evidentemente, nenhuma essência humana. Há uma natureza humana, isto é, uma ancoragem da humanidade na experiência da vida, na Terra, a cujo destino estamos necessariamente ligados intimamente. A compreensão do mundo também vai evoluir e transformar-se com a transformação da humanidade. Tudo indica que não será a humanidade, desta vez, a conduzir os seus destinos. O Antropoceno é a era paradoxal em que os planos da exploração da Terra atingem, ao mesmo tempo, o paroxismo e os seus limites. O que provavelmente fará a humanidade é readaptar-se à nova realidade e, nesse processo de transformação, poderá aprender que para dominar a sua vida terá que respeitar a vida alheia, isto é, o meio ambiente que acolheu a vida em geral. Será a humanidade capaz de se transformar assim? Qual será o papel da ciência nessa transformação? Que instituições poderão criar as condições ideais para que a ciência seja conduzida com sabedoria?

### **Nota**

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo acordo ortográfico.

### **Referências:**

- AAVV. (2018). *World Social Forum. Forum Social Mundial*.
- AAVV. (2020a). Intersectional feminism: what it means and why it matters right now. *UN Women*.
- AAVV. (2020b, July 8). Writers Warn in Open Letter Against Threat to Free Speech. *New York Times*.
- Abedi, M. (2017, June). G20 protests: Why the international summit attracts so much anger. In *Global News*.
- Atkins, A. (1999). Holistic Change: Creating Organizational and Individual Alignment at Genuity. *The Systems Thinker*, 12.

- Balu, M. (2019, November). Gilets jaunes: les chiffres faramineux d'un mouvement historique. *Huffpost*.
- Bateson, G. (1987). *Steps to an Ecology of the Mind*. Jason Aronson.
- Beslik, S. (2019, March). Capitalism can deliver the transformation the climate school strike demands. *Climate Home News*.
- Clark, G. (2007). *A Farewell to Alms - a Brief Economic History of the World*. Princeton University Press.
- Coser, L. A. (1956). *The Functions of Social Conflict*. Free Press.
- Devlin, H., & Boseley, S. (2020, April 23). Scientists criticise UK government's "following the science" claim. *The Guardian*.
- Dores, A. P. (2013). A análise jornalística torna irreconhecível a densidade da vida. *Revista Angolana de Sociologia*, 11, 35–50.
- DW.DE. (2019). A brief history of the anti-globalization movement. *DW.DE*.
- Fara, P. (2009). *Science: a Four Thousand Years History*. Oxford University Press.
- Farazmand, A. (1999). Globalization and Public Administration. *Public Administration Review*, 59(6), 509–522.
- Featherstone, M. (2009). The Virus of Fear and the Politics of Globalization. *Topia*, 22, 179–194.
- Laudato Sí*, (2015). Vaticano.
- Gates, B. (2015). The next outbreak? We're not ready. *TED Talks*.
- Goodman, A. (2020). Uprising & Abolition: Angela Davis on Movement Building, "Defund the Police" & Where We Go from Here. *Democracy now*.
- Grue, C. (2019). A holistic approach to climate change. *World Councils of Churches*.
- Habermas, J. (1987). Tendencies toward Juridification. In *The theory of Communicative Action* ([1981], pp. 356–373). Polity Press.
- Harari, Y. N. (2016). *Homo Deus: A Brief History of Tomorrow*. Harvill Secker.
- Hirschman, A. O. (1977). *The Passions and the Interests: Political Arguments for Capitalism before Its Triumph*. Princeton University Press.
- History.com. (2017). Climate Change History. *History*.
- Hungry in a world of plenty: millions on the brink of famine. (n.d.). *Oxfam International*.
- ICC-WHO. (2020). ICC-WHO Joint Statement: An unprecedented private sector call to action to tackle COVID-19. *WHO Website*.

- Ifpte21. (2020, May 26). “You Can’t Cut Your Way Out Of A Crisis!” *Oakland Community And Labor Groups To Decorate Their Cars For A Car-Caravan Around Lake Merritt To Protest Cuts To Services And Staffing*. Cision.
- Joas, H. (2003). *War and Modernity Studies in the History of Violence in the 20th Century*. Polity.
- Kim, J. (2020, June 30). COVID-19 pandemic, Black Lives Matter weigh heavily on San Jose teens’ mental wellness. *The Mercury News*.
- Lacey, H. (2012). Reflections on science and technoscience. *Scientiae Studia*, 10(special).
- Lachmann, R. (2018). TRUMP: How did he happen and what will he do. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 86, 9–25.
- Lahire, B. (2012). *Monde pluriel. Penser l’unité des sciences sociales*. Seuil.
- Latour, B. (1992). *Aramis et l’amour des techniques*. La Découverte.
- Latour, B. (2007). *Changer de société, refaire de la sociologie*. La Découverte.
- Marcuse, H. (1991). The New Forms of Control. In *One-Dimension Man* ([1964], pp. 3–20). Routledge & Kegan.
- Max, R., & Nagdy, M. (2013). Military Spending. *Our World in Data*.
- McDuff, P. (2019, March 18). Ending climate change requires the end of capitalism. Have we got the stomach for it? *The Guardian*.
- McGrath, M. (2019, December). Why Greta Thunberg Is One Of The World’s Most Powerful Women. *Forbes*.
- Mediacenter. (2020, April 21). Businesses are expanding their IT security budgets. *Pandasecurity.Com*.
- Morris, I. (2010). *Why the West Rules — For Now*. Profile Books.
- Mouzelis, N. (1995). *Sociological Theory: What Went Wrong? – diagnosis and remedies*. Routledge.
- Our mission, *Public Health Agency Sweden*.
- Paterlini, M. (2020, April 21). ‘Closing borders is ridiculous’: the epidemiologist behind Sweden’s controversial coronavirus strategy. *Nature NEWS Q&A*, 580, 574.
- Peake, S. J. (1991). *The politics of vocational education: a study of the introduction of the Basic Vocational Training Year in the Federal Republic of Germany*. University of London.

- Scheidel, W. (2017). *The Great Leveler, violence and the history of inequality from the Stone Age to the twenty-first century*. Princeton University Press.
- Schofield, J. (2018). *The Real Philosophy of Science*. Smashwords.
- Scholz, S. F. (2018, September). The Economist at 175 - Reinventing liberalism for the 21st century. *The Economist*.
- The Economist. (2020, June). Covid-19 threatens Europe's success at fighting inequality. *The Economist*.
- The Editors. (n.d.). Somalia intervention. *Encyclopaedia Britannica*.
- Therborn, G. (2006). Meaning, Mechanisms, Patterns and Forces: An Introduction. In G. Therborn (Ed.), *Inequalities of the World – New Theoretical Frameworks, Multiple empirical approaches* (pp. 1–58). Verso.
- Varoufakis, Y. (2017). *Adults in the Room*. Vintage Digital.
- Weart, S. (2020). *Government: The View from Washington, DC. The Discovery of Global Warming*.
- Weber, M. (2012a [1919]). Politics as Vocation. <http://anthropos-lab.net/wp/wp-content/uploads/2011/12/Weber-Politics-as-a-Vocation.pdf>
- Weber, M. (2012b [1919]). Science as Vocation. <http://anthropos-lab.net/wp/wp-content/uploads/2011/12/Weber-Science-as-a-Vocation.pdf>
- Wheeldon, T. (2020, May 15). Sweden's Covid-19 strategy has caused an 'amplification of the epidemic.' *France 24*.